

Entre margens – André Parente

Três rios habitam a instalação *Entre margens* de André Parente. O primeiro, o rio do tempo bergsoniano de Guimarães Rosa, de cujo conto (poema?) *A terceira margem do rio* o trabalho de Parente se refere e homenageia e ao qual se articula, em que o passado é o presente que ele foi. O segundo é aquele que vemos da margem que habitamos, que flui com a história e é só mudança, ainda que o *demoramento* de um tempo que já é memória insista em tornar o homem moço em homem velho. O terceiro rio é o da outra margem que nos espelha e no qual nos vemos vendo. Navegando esses três rios, experimentamos em nossos próprios corpos as imagens da instalação do artista, que insiste em nos fazer ouvir o que não vemos e em nos fazer ver o que não ouvimos; a imagem do tempo que passa sem passar, que corre sem se perceber, que nos faz lembrar. Lembrar do que vivemos sem pensar, ali, nas bordas do tempo, pois lembrar é ver esquecendo, é esquecer o esquecimento. Explorando e elaborando as relações entre cinema e literatura, entre imagem e texto, a instalação *Entre margens* corrompe a separação entre o contar e o ver, pois vemos o que nos é contado, e o que nos é contado é o que se vê: margens indiscerníveis; *terceira margem*. A duração, nesse trabalho de cinema expandido, é paisagem. Como em *Stromboli* de Rossellini, como na espiral movediça de Robert Smithson, como em tintas impressionistas, na arte da luz e do instante. A vibração das telas da instalação de Parente não para de girar, em eterno retorno, o tempo que vai e o tempo que vem, em azuis e rosas, em claros e escuros, e o cinema aqui também é pintura, também é filosofia. Se Bill Viola buscou a presença do espiritual na videoarte, André Parente criou uma arquitetura para que no pai seja o filho, e no filho seja o pai. Paisagem, então (a duração, a pintura, o pensamento), torna-se milagre, a palavra anunciada e o tempo infinito.